



# EIS O HOMEM

*michael moorcock*

*Tradução de Luís Rodrigues*





SAÍDA DE EMERGÊNCIA

TÍTULO: *Eis o Homem*

AUTORIA: *Michael Moorcock*

EDITOR: *Luís Corte Real*

*Esta edição © 2007 Edições Saída de Emergência*

*Título original Behold the Man © 1966 Michael Moorcock*

*Publicado originalmente em Inglaterra no número 166 da New Worlds, 1966*

TRADUÇÃO: *Luís Rodrigues*

REVISÃO: *Idalina Morgado*

COMPOSIÇÃO: *Saída de Emergência, em caracteres Minion, corpo 13*

DESIGN DA CAPA E INTERIORES: *Saída de Emergência*

PINTURA DA CAPA: *Caspar David Friedrich*

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: *Guide - Artes Gráficas, Lda.*

1ª EDIÇÃO: *Março, 2007*

ISBN: *978-972-8839-87-1*

DEPÓSITO LEGAL: *??????/07*

EDIÇÕES SAÍDA DE EMERGÊNCIA

*Av. da República, 861, Bloco D, 1º Dtº, 2775-274 Parede, Portugal*

TEL E FAX: *214 583 770*

WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM

*Ao Tom Disch*



*Este homem não detém o poder material dos deuses imperadores; apenas um séquito de pescadores e gente do deserto. Chamam-lhe deus; e ele acredita. Os discípulos de Alexandre diziam: «Ei-lo invencível, e por isso um deus.» Os discípulos deste homem mal pensam sequer; ele é o seu acto de criação espontânea. Guia-os agora, este nazareno louco chamado Jesus.*

*E falou-lhes, dizendo: Sim, na verdade fui Karl Glogauer e agora sou Jesus, o Messias, o Cristo.*

*E assim foi.*



# I

A MÁQUINA DO TEMPO ERA UMA ESFERA CHEIA DE fluido leitoso, no interior da qual flutuava o viajante, encerrado num fato de borracha e respirando por uma máscara ligada à parede do aparelho por um tubo. A esfera rachara-se na aterragem e o fluido transbordava sobre a terra, que o absorvia. Movido pelo instinto, Glogauer enrolou-se numa bola, enquanto o líquido escoou e ele foi ao fundo, ao encontro do plástico macio do revestimento interno da máquina. Os instrumentos, crípticos, pouco convencionais, permaneciam mudos. A esfera tremeu e rebolou para o lado, com o pouco líquido remanescente a pingar do enorme rasgão.

Aos poucos, Glogauer foi abrindo e fechando os olhos. Escancarou a boca numa espécie de bocejo, sacudiu a língua e soltou um gemido que logo se transformou num uivo.

Ouviu-se a si próprio. É a Voz das Línguas, pensou. A linguagem do inconsciente. Contudo, não fazia ideia do que estava a dizer.

O corpo ficou dormente e ele estremeceu. A viagem

no tempo não tinha sido fácil, e nem o líquido espesso o protegera por completo, embora lhe tivesse indubitavelmente salvo a vida. De certeza que tinha costelas partidas. Dorido, Glogauer esticou os braços e as pernas e começou a rastejar pelo plástico escorregadio em direcção à abertura na máquina. Contra a luz de um sol inclemente, viu um céu com reflexos de aço. Arrastou-se meio para fora da fenda, fechando os olhos à força incandescente do sol. Perdeu a consciência.

Primeiro período, 1949. Tinha nove anos, nascido dois anos após a chegada do pai a Inglaterra vindo da Áustria.

As outras crianças riam às gargalhadas no cascalho do recreio. A brincadeira tinha começado com bastante entusiasmo e Karl, um tanto nervoso, juntara-se-lhe no mesmo espírito. Chorava agora.

— Ponham-me no *chão!* Pára, Mervyn, por favor!

Tinham-no atado de braços abertos à rede de arame da vedação. A rede curvava-se para fora com o peso e um dos postes ameaçava soltar-se. Mervyn Williams, o rapaz que sugerira a brincadeira, começou a abanar o poste para que Karl balouçasse com força para trás e para a frente na rede.

— Pára!

Viu que os gritos só os encorajavam e cerrou os dentes, calando-se.

Deixou pender o corpo, fingindo perder os sentidos; as gravatas da escola que tinham usado para o atar cortaram-lhe os pulsos. A vozeada das crianças esmoreceu.

— Ele está bem? — Era Molly Turner quem sussurrava.

— Está só a brincar — respondeu Williams, sem grandes certezas.

Karl sentiu-lhes os dedos a desatar os nós com alguma atrapalhação. Propositadamente, deixou-se cair,

primeiro de joelhos, esfolando-os no cascalho, e depois de cara contra o chão.

Em parte convencido pelo próprio engodo, pareceu-lhe ouvir ao longe as vozes aflitas dos colegas.

Williams sacudiu-o.

— Acorda, Karl. Pára lá de fingir.

Deixou-se ficar, perdendo a noção do tempo, até que ouviu a voz do Sr. Matson elevar-se do rebuliço geral.

— Mas que diabo se passa aqui, Williams?

— Estávamos a brincar ao Senhor Jesus, Sr. Matson. Karl era Jesus. Atámo-lo à vedação. A ideia foi dele, Sr. Matson. Estávamos só a brincar.

O corpo de Karl estava rígido, todavia conseguiu permanecer quieto, respirando devagar.

— Ele não é nenhum matulão como tu, ó Williams. Já devias saber isso.

— Desculpe, Sr. Matson. A sério. — Williams falava como se estivesse a chorar.

Karl sentiu levantarem-no; sentiu o triunfo...

...

Estava a ser carregado. A cabeça e a ilharga estavam tão doridas que se sentiu maldispuesto. Não tivera ainda oportunidade de descobrir onde, ao certo, a máquina do tempo o tinha deixado, mas, virando a cabeça, pôde constatar pela forma como o homem à sua direita se vestia que ao menos se encontrava no Médio Oriente.

O seu objectivo era o ano 29 d.C. no deserto para lá de Jerusalém, nos arredores de Belém. Estariam agora a levá-lo para Jerusalém?

Encontrava-se numa padiola aparentemente feita de peles de animais; tal indicava que, no mínimo, tinha ido parar ao passado. Dois homens carregavam a padiola aos ombros. Outros caminhavam de ambos os lados. Cheirava

a suor e gordura animal e a qualquer coisa bafienta que Glogauer não conseguiu identificar. Dirigiam-se para uma fileira de montes distantes.

Glogauer encolhia-se a cada solavanco da padiola, e a dor na ilharga aumentava. Desmaiou uma segunda vez.

Acordou por instantes ao escutar vozes. Falavam no que era óbvio tratar-se de um dialecto do aramaico. Parecia ser noite, já que estava muito escuro. Tinham parado. Glogauer sentiu palha debaixo do corpo. Ficou aliviado. E adormeceu.

*E naqueles dias apareceu João Baptista, pregando no deserto da Judeia, E dizendo: Arrependei-vos, porque é chegado o reino dos céus. Porque este é o anunciado pelo profeta Isaías, que disse: Voz do que clama no deserto, preparai o caminho do Senhor, endireitai as Suas veredas. E este João tinha o seu vestido de pêlos de camelo, e um cinto de couro em torno dos seus lombos; e alimentava-se de gafanhotos e mel silvestre. Então ia ter com ele Jerusalém, e toda a Judeia, e toda a província adjacente ao Jordão; E eram por ele baptizados no rio Jordão, confessando os seus pecados.*

(S. Mateus 3:1–6)

Lavavam-no. Glogauer sentiu a água fria escorrer-lhe pelo corpo nu. Tinham conseguido despir-lhe o fato protector. De encontro às costelas do lado direito, tinha agora camadas de tecido espesso, presas por cintas de couro.

Sentia-se muito fraco, e cheio de calor, mas menos dorido.

Encontrava-se no interior de um edifício—ou quiçá uma caverna, estava demasiado escuro para se perceber qual—deitado num monte de palha saturado de água. Dos seus cântaros de barro, dois homens jorravam grandes

quantidades de água sobre Glogauer. Homens carrancudos, de barba, e vestes de algodão.

Teve curiosidade em saber se conseguiria formular uma frase que pudessem entender. Os seus conhecimentos de aramaico escrito eram fortes, mas não tinha certezas acerca de determinadas pronúncias.

Pigarreou.

— Onde—ser—este—lugar?

Os homens franziram o sobrolho, acenando negativamente com as cabeças e baixando os cântaros.

— Procuo—um—nazareno—Jesus...

— Nazareno. Jesus. — Um dos homens repetiu as palavras, embora não lhe parecessem dizer nada. Encolheu os ombros.

O outro, no entanto, limitou-se a repetir a palavra nazareno, devagar, como se contivesse um significado especial. Murmurou umas quantas palavras ao outro homem, entre dentes, e dirigiu-se para a entrada do quarto.

Karl Glogauer continuou a tentar dizer algo que o homem que tinha ficado pudesse compreender.

— Que—ano—de—o Imperador Romano—em—Roma?

Tinha consciência de que era uma pergunta confusa. Sabia que Cristo havia sido crucificado no décimo quinto ano do reinado de Tibério, e era por isso que a fazia. Procurou expressar-se melhor.

— Quantos—anos—reina Tibério?

— Tibério?

O ouvido de Glogauer começava a ajustar-se à pronúncia, e o viajante esforçou-se por simulá-la melhor.

— Tibério. O imperador dos romanos. Quantos anos já reinou?

— Quantos? — O homem abanou a cabeça. — Não sei.

Ao menos, Glogauer tinha conseguido fazer-se entender.

— Que lugar é este? — perguntou.

— É o deserto atrás de Maqueros — respondeu o homem. — Não sabes?

Maqueros ficava a sudeste de Jerusalém, para lá do Mar Morto. Não havia dúvidas de que se encontrava no passado e que a época correspondia à do reinado de Tibério, uma vez que o homem tinha reconhecido o nome sem grande dificuldade.

O companheiro regressava agora, trazendo consigo um indivíduo enorme, de braços peludos e musculados, e grandes peitorais. Trazia um cajado grande numa das mãos. Envergava peles de animais e tinha, à vontade, um metro e oitenta de altura. O cabelo negro e encaracolado era comprido, e tinha uma barba farta e escura que lhe cobria a parte superior do peito. Movimentava-se como um animal, e os seus olhos castanhos, grandes e penetrantes, observavam Glogauer com ponderação.

Quando falou, foi numa voz grossa, porém demasiado rápida para Glogauer a conseguir acompanhar. Foi a vez de Glogauer abanar a cabeça.

O gigante agachou-se a seu lado.

— Quem és tu?

Glogauer hesitou. Não planeara ser descoberto desta maneira. Tencionara disfarçar-se de viajante sírio, na esperança de que os sotaques regionais fossem suficientemente diversos para explicar as suas próprias dificuldades com a língua. Resolveu que o ideal seria manter-se fiel à sua história e esperar que as coisas corressem pelo melhor.

— Sou do norte — disse.

— E não do Egípto? — perguntou o gigante. Era como se esperasse que Glogauer fosse daí. Glogauer con-

cluiu que, se o homem pensava assim, então mais valia dar-lhe razão.

— Saí do Egipto há dois anos — afirmou.

O gigante acenou com a cabeça, aparentemente satisfeito.

— És, então, um mago do Egipto. Tal como pensávamos. E chamas-te Jesus, e és o nazareno.

— *Procuro* Jesus, o nazareno — corrigiu Glogauer.

— Como te chamas, então? — O homem pareceu desiludido.

Glogauer não podia revelar o seu próprio nome. Soaria demasiado estranho aos ouvidos desta gente. Instintivamente, deu-lhes o nome do pai.

— Emanuel — respondeu.

O homem acenou com a cabeça, de novo satisfeito.

— Emanuel.

Glogauer apercebeu-se, tarde demais, de que a escolha de nome fora infeliz dadas as circunstâncias, uma vez que Emanuel significava «Deus connosco» em hebraico, e que sem dúvida encerrava um significado místico para o seu interlocutor.

— E tu, como te chamas? — perguntou.

O homem endireitou-se e, cismático, olhou Glogauer do alto.

— Não me conheces? Nunca ouviste falar de João, chamado o Baptista?

Glogauer fez por ocultar a surpresa, mas era óbvio para João Baptista que o seu nome era reconhecido. O gigante acenou com a cabeça hirsuta.

— Vejo que me conheces. Bem, mago, agora é preciso decidir, eh?

— Decidir o quê? — perguntou Glogauer, com algum nervosismo.

— Se és o amigo das profecias ou o falso aliado acerca do qual nos avisou Adonai. Os romanos tencio-

nam entregar-me nas mãos dos meus inimigos, os filhos de Herodes.

— Porquê?

— Deves saber porquê, já que maldigo os romanos que escravizaram a Judeia, e maldigo os crimes de Herodes, e vaticino uma era em que todos os injustos serão destruídos e o reino de Adonai reposto na Terra, tal como afirmaram os antigos profetas. Digo às multidões: «Preparai-vos para o dia quando pegardes na espada para cumprir a vontade de Adonai». Os ímprobos sabem que irão cair nesse dia, e por isso querem-me destruído.

Apesar da intensidade das palavras, o tom na voz de João era neutro. Não havia qualquer indício de demência ou fanatismo na sua cara ou postura. Mais parecia um vigário anglicano, lendo um sermão cujo significado para si já tinha perdido toda a veemência.

Karl Glogauer apercebeu-se de que, na essência do que ouvira, João Baptista agitava as massas para expulsar os romanos e o seu fantoche, Herodes, e estabelecer um regime mais «justo». A atribuição do plano a «Adonai» (um dos nomes falados de Jeová, e que significava O Senhor) parecia, como muitos humanistas do século XX tinham adivinhado, uma forma de conferir a tais desígnios um peso suplementar. Num mundo onde a política e a religião se encontravam inexoravelmente ligados, até no ocidente, era necessário imputar uma origem sobrenatural ao plano.

De facto, pensou Glogauer, era bastante provável que João acreditasse que a sua ideia fosse inspirada por Deus, dado que os gregos no outro lado do Mediterrâneo continuavam ainda a discutir as origens da inspiração—se tinha origem na cabeça do homem ou se era lá posta pelos deuses. Também não surpreendia Glogauer que João o tomasse por uma espécie de mago egípcio. As circunstâncias da sua chegada deviam ter parecido extraordinariamente

miraculosas e, ao mesmo tempo, aceitáveis, em especial para uma seita como a dos essênios, que praticavam a autoflagelação e o jejum, e que já deviam estar bastante habituados às visões do deserto escaldante. Já não restavam dúvidas de que estes eram os neuróticos essênios, cujas abluções rituais—o baptismo—e a autoprivação, aliadas ao misticismo quase paranóico que os levava a criar línguas secretas e afins, eram um sólido indício do seu desequilíbrio mental. Tudo isto passou pela cabeça de Glogauer, o psiquiatra frustrado; no entanto, Glogauer, o homem, dividia-se entre os pólos do racionalismo puro e do desejo de se deixar convencer pelo misticismo em si.

— Preciso de meditar — anunciou João, dirigindo-se para a entrada da caverna. — Preciso de rezar. Ficarás aqui até que me seja concedida orientação.

Abandonou a caverna, afastando-se rapidamente e a passos largos.

Glogauer deixou-se cair na palha humedecida. Encontrava-se, já não restavam dúvidas, numa caverna de pedra calcária, e a atmosfera no seu interior era surpreendentemente húmida. Devia estar muito calor lá fora. Glogauer sentiu-se sonolento.

## II

FORA HÁ CINCO ANOS. QUASE DOIS MIL ANOS NA direcção do futuro. Deitado na cama quente e encharcada de suor com Monica. Mais uma vez, a nova tentativa de fazer amor de forma normal tinha-se metamorfoseado no teatro de pequenas aberrações que parecia satisfazê-la mais do que outra coisa qualquer.

O verdadeiro namoro e concretização ainda estava por acontecer, no entanto. Como sempre, seria verbal. Como sempre, encontraria o clímax na fúria de uma discussão.

— Calculo que me vás dizer que não ficaste satisfeito outra vez. — Monica aceitou o cigarro aceso que Karl lhe passara no escuro.

— Estou bem — respondeu ele.

Fez-se silêncio por um instante, enquanto fumaram.

Ao cabo de algum tempo, e apesar de saber o que resultaria daí se o fizesse, Karl deu por si a falar.

— É irónico, não é? — começou.

Ficou à espera da resposta. Monica ainda se demoraria um bocadinho.

— O quê? — disse por fim.

— Tudo isto. Passas o dia todo a tentar ajudar neuróticos sexuais a ficarem normais. E depois passas a noite a fazer o mesmo que eles.

— Não é a mesma coisa. Sabes muito bem que é tudo uma questão de grau.

— Se tu o dizes.

Karl virou-se e observou a cara da namorada à luz das estrelas que entrava pela janela. Era uma ruiva de rosto chupado, com a voz calma e profissionalmente sedutora que era a da psiquiatra assistente social. Uma voz meiga, racional, e insincera. Só às vezes, quando ficava particularmente ansiosa, é que a voz começava a indicar o seu verdadeiro carácter. As feições nunca pareciam descansar, nem mesmo enquanto dormia. Os seus olhos estavam sempre alerta, e os movimentos só raramente eram espontâneos. Cada centímetro do seu corpo encontrava-se protegido, o que talvez explicasse a razão de sentir tão pouco prazer no vulgar acto de fazer amor.

— Não te consegues mesmo entregar, pois não? — disse ele.

— Oh pá, cala-te, Karl. Olha mas é para ti, se andas à procura de uma crise de nervos.

Eram ambos psiquiatras amadores: ela, psiquiatra assistente social, e ele, nada mais do que um leitor, um curioso, embora tivesse feito um ano de estudos, há tempos, quando fizera planos de se tornar psiquiatra. Empregavam a nomenclatura psiquiátrica de forma livre. Sentiam-se melhor quando conseguiam dar nomes às coisas.

Karl voltou-lhe as costas e apalpou a mesa-de-cabeceira à procura do cinzeiro, ao que vislumbrou um reflexo seu no espelho da cómoda. Karl era um livreiro judeu, pálido, muito sério e rabugento, com a cabeça cheia de ideias e obsessões por resolver, e um corpo pleno de

emoções. Perdia sempre nestas discussões com Monica. Nas palavras, quem dominava era ela. Karl ficava muitas vezes com a impressão de que este género de disputa era mais perverso do que as suas relações, onde ao menos desempenhava geralmente o papel masculino. No fundo, apercebeu-se, era passivo, masoquista e indeciso. Até os seus frequentes acessos de cólera eram impotentes. Monica era dez anos mais velha, dez anos mais amarga. Como indivíduo, Monica era, claro, muito mais dinâmica do que ele, mas, como psiquiatra assistente social, tinha enfrentado tantos desaires quanto Karl. Continuava a mourejar, tornando-se cada vez mais cínica à superfície mas ainda assim esperando, talvez, uns quantos êxitos estrondosos junto dos pacientes. O problema é que se esforçavam demasiado, pensou ele. Os padres do confessionário ministravam uma panaceia; os psiquiatras tentavam a cura e, na maior parte das vezes, falhavam. Mas ao menos tentavam, pensou, e teve curiosidade em saber se tal seria, afinal de contas, uma virtude.

— Já olhei bem para mim — disse.

Estaria ela a dormir? Voltou-se. Os olhos desconfiados de Monica continuavam ainda bem abertos e espreitavam pela janela.

— Já olhei bem para mim — repetiu. — Da mesma maneira que Jung. «Como posso eu ajudar estas pessoas se também sou um fugitivo, e quiçá também padeça do *morbus sacer* de uma neurose?» Foi o que Jung se perguntou a si próprio...

— O velho sensacionalista. O velho racionalizador do seu próprio misticismo. Não admira que nunca te tenhas tornado psiquiatra.

— Não teria sido nada de jeito. Não tem nada a ver com Jung...

— Não me descarregues as culpas em cima...

— Tu própria disseste sentir o mesmo—achas que não vale a pena...

— Ao fim de uma árdua semana de trabalho, é possível que diga isso. Dá-me outro cigarro.

Karl abriu o maço que se encontrava sobre a mesa-de-cabeceira e, levando dois cigarros à boca, acendeu-os e deu-lhe um.

De forma quase abstracta, constatou que a tensão estava a aumentar. A discussão era, como sempre, despropositada. Mas o importante não era a discussão; era apenas a expressão da sua relação essencial. Teve curiosidade em saber se também isso seria importante.

— Não me estás a contar a verdade. — Tinha consciência de que já não podia parar, agora que o ritual se encontrava em andamento.

— Estou a contar-te a verdade prática. Não tenho razões para largar o emprego. Não quero ser nenhuma falhada...

— Falhada? Ainda és mais melodramática do que eu.

— És muito fervoroso, Karl. Fazia-te bem seres mais tolerante.

Karl escarneceu.

— Se fosse a ti, largava o emprego, Monica. Tens tanto jeito para aquilo como eu.

Ela encolheu os ombros.

— Não passas de um sacaninha, tu.

— Não tenho inveja de ti, se é o que estás a pensar. Tu nunca irias compreender o que procuro.

O riso dela foi artificial, frágil.

— O homem moderno em busca de uma alma, eh? O homem moderno em busca de uma muleta, é o que eu digo. Entende isso como quiseres.

— Estamos a destruir os mitos que fazem o mundo andar à roda.

— E agora dizes: «E que pomos nós no seu lugar?»  
És chato e és estúpido, Karl. Nunca olhaste racionalmente para nada—nem mesmo para ti.

— E daí? Dizes que o mito não importa.

— A realidade que o cria é importante.

— Jung reconhecia que o mito também pode criar a realidade.

— É para que vejas o velho bêbedo que ele era.

Karl espreguiçou as pernas. Ao fazê-lo, tocou nas dela e encolheu-se. Coçou a cabeça. Monica continuava a fumar, embora sorrisse agora.

— Vá lá — disse ela. — Venha daí a cantiga de Cristo.

Karl não respondeu. Monica entregou-lhe a beata de cigarro e Karl pô-la no cinzeiro. Olhou para o relógio. Eram duas da manhã.

— Por que fazemos isto? — perguntou ele.

— Porque é preciso. — Monica pôs-lhe a mão na nuca e puxou-o de encontro ao seio. — Que mais podemos fazer?

*Nós, os protestantes, seremos mais tarde ou mais cedo obrigados a confrontar a seguinte questão: Deveremos entender a «imitação de Cristo» no sentido em que devemos copiar a sua vida e, se me é permitida a expressão, macaquear-lhe os estigmas; ou no sentido mais profundo, pelo qual devemos viver com a mesma verdade com que Jesus viveu, com tudo o que daí advenha? Não é fácil viver à imagem de Cristo, mas é indescritivelmente mais árduo viver com a mesma verdade que ele. Quem o fizesse seria... incompreendido, achincalhado, torturado e crucificado... A neurose é uma dissociação da personalidade.*

(Jung, *O homem moderno em busca de uma alma*)

João Baptista esteve ausente um mês, durante o qual Glogauer viveu com os essénios, admirando-se com a facilidade, à medida que as costelas foram melhorando, com que se adaptou ao seu dia-a-dia. A povoação dos essénios compunha-se de uma mistura de casas de andar único, construídas em pedra calcária e tijolo de barro, e das cavernas que se podiam encontrar de ambos os lados do vale pouco profundo. Os essénios partilhavam os seus bens com a comunidade, e esta seita específica tinha mulheres, embora muitos essénios levassem vidas completamente monásticas. Os essénios eram também pacifistas, rejeitando a posse e o fabrico de armas—se bem que esta seita tolerasse o belicoso Baptista. É possível que o ódio aos romanos fosse mais forte do que os seus princípios. É possível que não estivessem seguros das intenções de João no seu todo. Fosse qual fosse o motivo dessa tolerância, poucas dúvidas restavam de que João Baptista era, para todos os efeitos, o seu líder.

A vida dos essénios consistia num banho ritual três vezes por dia, orações e trabalho. O trabalho não era árduo. Às vezes, Glogauer guiava o arado, que outros dois membros da seita puxavam; outras, ficava a guardar as cabras que eram livres de pastar nas encostas. Era uma vida pacata e ordeira, e mesmo os aspectos mais insalubres eram uma questão de rotina, tal que, ao fim de algum tempo, Glogauer mal reparava neles.

Enquanto guardava cabras, ia deitar-se no cimo do monte, onde tinha vista para o deserto que não era bem um deserto, mas um mato pedregoso capaz de alimentar animais como cabras e ovelhas. O mato era interrompido por arbustos rasteiros e umas quantas arvorezitas crescendo ao longo das margens do rio que, sem dúvida, desaguava no Mar Morto. Era terreno acidentado. Em linhas gerais, tinha o aspecto de um lago tempestuoso, gélido e castanho-amarelado. Para lá do Mar Morto ficava

Jerusalém. Era óbvio que Cristo não tinha ainda entrado na cidade pela última vez. João Baptista teria de morrer antes que tal sucedesse.

O modo de vida dos essénios era bastante tranquilo, apesar da simplicidade. Tinham-lhe dado uma tanga de pele de cabra e um cajado, e a não ser pelo facto de o vigiarem noite e dia, pareciam terem-no acolhido como uma espécie de membro leigo da seita.

Por vezes, interrogavam-no descontraidamente acerca do carro—a máquina do tempo que tencionavam ir buscar ao deserto sem demora—e ele respondia-lhes que o tinha trazido do Egipto para a Síria, e depois para ali. Aceitavam o milagre com serenidade. Tal como desconfiara, já estavam habituados.

Os essénios tinham visto coisas mais estranhas do que a sua máquina do tempo. Tinham visto homens caminhar sobre a água e anjos descerem e subirem aos céus; tinham escutado a voz de Deus e dos Seus arcanjos, bem como a tentadora voz de Satanás e dos seus favoritos. Escreviam tudo isto em rolos de pergaminho. Um registo do sobrenatural apenas, da mesma forma que outros pergaminhos eram registos do seu dia-a-dia e das notícias que os membros itinerantes da seita lhes faziam chegar.

Viviam constantemente na presença de Deus, falavam com Ele e Ele respondia-lhes quando já tinham mortificado a carne, jejuado e entoado as suas orações sob o insuportável sol da Judeia.

Karl Glogauer deixou crescer o cabelo e a barba. Mortificava a carne, jejuava e entoava orações ao sol, como os outros. Mas era raro ouvir Deus e só uma vez pensou ter visto um arcanjo com asas de fogo.

Apesar da vontade que tinha de experimentar as alucinações dos essénios, Glogauer estava desiludido, porém surpreso por se sentir tão bem, tendo em conta todo o sofrimento auto-infligido a que se tivera de

submeter, sentindo-se também à vontade na companhia destes homens e mulheres que eram claramente loucos. Talvez por esta loucura não ser assim tão diferente da dele, Glogauer deixou de pensar no assunto ao fim de algum tempo.

...

João Baptista regressou certa tarde, ao anoitecer, transpondo os montes em grandes passadas, seguido por cerca de vinte discípulos. Glogauer viu-o enquanto se preparava para guiar as cabras de volta à caverna para passar a noite. Esperou que João se aproximasse.

O rosto do Baptista vinha carregado, mas a sua expressão suavizou-se ao ver Glogauer. Sorriu e apertou-lhe o antebraço à maneira dos romanos.

— Bom, Emanuel, és nosso amigo, tal como pensava. Mandado por Adonai para nos ajudar a fazer a Sua vontade. Baptizar-me-ás pela manhã, para mostrar a todos que Ele está connosco.

Glogauer estava cansado. Tinha comido muito pouco e passado a maior parte do dia ao sol, a guardar as cabras. Bocejou, custando-lhe responder. Apesar disso, estava aliviado. João tinha estado em Jerusalém, a tentar descobrir se os romanos o tinham enviado como espião. João parecia agora tranquilizado e confiava nele.

Preocupava-o, porém, a fé do Baptista nos seus poderes.

— João — começou ele. — Não sou nenhum vidente...

O Baptista mostrou-se por momentos preocupado, ao que se riu constrangido.

— Não digas nada. Ceia comigo hoje à noite. Trago mel silvestre e gafanhotos.

Glogauer ainda não tinha provado desta comida,